

Movimento luta para melhorar escolas na capital

Grupo pretende comprometer a sociedade e o governo com metas para o ensino público

Maria Rehder

Criar um Plano Municipal de Educação - que consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação(LDB), mas não foi feito até hoje na cidade de São Paulo -, garantir que alunos de escolas públicas tenham no mínimo cinco horas de aula por dia, limitar o máximo de 30 alunos por classe e atender a demanda não atendida por vagas em creches, que chega hoje a 80 mil.

Essas são algumas das medidas para a melhoria da educação na capital que estão sendo discutidas pelo Grupo de Trabalho de Educação do Movimento Nossa São Paulo: Outra Cidade, que reúne dezenas de organizações da sociedade civil engajadas na construção de força política, social e econômica para comprometer a sociedade e governos na conquista de metas para melhoria da qualidade de vida na cidade de São Paulo.

Segundo Oded Grajew, um dos idealizadores do movimento, é fundamental que se ofereça uma educação de qualidade na cidade de São Paulo. “É preciso educar para a cidadania, pois de nada adianta formar um engenheiro pós-graduado para atuar em uma empresa que gere efeitos poluentes causando danos a toda sociedade.”

“Ainda não consolidamos as metas para a educação na capital, pois até o fim do ano realizaremos seminários para ouvir mais propostas da sociedade, Mas já é possível detectar medidas de impacto que precisariam ser adotadas em São Paulo”, afirma Maria Alice Setúbal, presidente do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec) e que faz parte do movimento.

O QUE MUDAR

Entre as medidas de impacto estão a formação continuada dos professores das escolas públicas e a municipalização do ensino fundamental - hoje 771 mil alunos cursam esta etapa de ensino em escolas estaduais e 550 mil na rede municipal. “A municipalização consta na LDB, mas ainda não aconteceu na capital. Outra questão é a formação e valorização do professor para que ele se sinta motivado e trabalhe por anos em uma mesma unidade escolar”, diz .

A redução dos turnos diurnos das escolas municipais também é apontada como prioridade. “O mínimo de 5 horas de aula por dia em classes com número reduzido de alunos tem sido apontado como essencial.”

Maria Alice ressalta que o desânimo do paulistano tem refletido no universo das escolas públicas. “Há um clima de desesperança, uma descrença em relação à cidade que precisa ser revertida. É por isso que o movimento quer chamar a sociedade para a elaboração de metas, cobrança e participação.”

Já Waldir Romero, diretor da Escola Municipal Comandante Garcia D´Avila, na zona norte, tem participado constantemente das reuniões do Grupo de Trabalho de Educação e destaca que esse movimento não vai criar indicadores para a educação. “Pretendemos estabelecer uma unidade dos indicadores já existentes, para assim elaborar metas. “

Ele aponta a necessidade da elaboração de um Plano Municipal de Educação. “Um plano que independa de partidos e gestão de governo, mas seja da sociedade e que esta, por sua vez, veja a educação como um direito de todos.”

Fonte: <http://www.estado.com.br/editorias/2007/08/06/ger-1.93.7.20070806.8.1.xml>